



Discurso e formação de valores nas canções de ninar e de roda¹

Maria Graciete Carramate LOPES²

Roseli A. Figaro PAULINO³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

As cantigas infantis de roda e de ninar fazem parte das tradições folclóricas de diversos povos e, ao longo do tempo, sofrem modificações tanto em função de seu caráter de transmissão oral, como das trocas culturais entre diversos povos. Recentemente, algumas cantigas têm sofrido modificações em suas letras, em função do julgamento de que certos temas veiculados em seu discurso são “politicamente incorretos”. O presente artigo faz uma análise dos temas de algumas cantigas infantis, procurando verificar se eles aparecem no discurso da população e, portanto, se apresentam influência marcante na educação e formação de valores nas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso, cantigas infantis, educação, formação de valores

A tradição das cantigas e o debate recente sobre elas

Não se sabe ao certo desde quando e porque a humanidade escuta e cria música. Uma das únicas certezas dos musicólogos é de que a música sempre esteve presente nas organizações sociais humanas desde os habitantes mais antigos da Terra, como provam certos achados dos paleontólogos, como por exemplo, as flautas feitas em osso perfurado do período Neolítico. A música tem atravessado milênios expressando e comunicando a cultura e a tradição de diferentes civilizações.

Tratando-se de canções populares, decorrentes da memória coletiva, de autoria anônima e transmitidas oralmente, as cantigas infantis (de roda ou de ninar) inscrevem-se na tradição folclórica.

Maingueneau (2001, p. 74) afirma que, embora a oralidade esteja associada à instabilidade dos enunciados, não podemos dizer que todo enunciado oral seja instável.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Biblioteconomia da ECA-USP, email: mariagracietec@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora da Disciplina de Língua Portuguesa, Redação e Expressão Oral da ECA-USP, email: figaro@uol.com.br

“(...) tudo depende de seu estatuto pragmático, isto é, daquilo para que serve. O importante não é tanto o caráter oral ou gráfico dos enunciados, mas sua inscrição em formas que assegurem sua preservação. Existem efetivamente gêneros de discursos orais (máximas, ditados, aforismos, lemas, canções, fórmulas religiosas etc) nos quais os enunciados, embora orais, cristalizaram-se por se destinarem a ser indefinidamente repetidos” (MAINGUENEAU, 2001, p.74)

Portanto, as cantigas de ninar e de roda podem ser incluídas no gênero de canções populares que vêm se perpetuando através da oralidade e que trazem em si, marcas de diferentes civilizações ao longo do tempo: aquela que as criaram, mas também civilizações que, por meio de contatos que levaram a trocas culturais, assimilaram e modificaram tais cantigas.

Não existem povos com apenas uma cultura, tudo está em constante mudança e sofrendo influências. As cantigas de roda e ninar, por exemplo, são modificadas adaptando-se aos costumes da região. Segundo Cascudo (1984), em qualquer agrupamento humano por mais rudimentar que seja a organização, haverá a memória coletiva de duas ordens de conhecimento: o oficial, regular ensinado nas escolas e o não-oficial, tradicional, oral e anônimo que independe do ensino sistemático, pois está presente em ações cotidianas, na voz das mães, nos contos, nas músicas e nas brincadeiras cantadas.

As cantigas conhecidas no Brasil são de origem européia, principalmente de Portugal e Espanha, mas também têm influência francesa. Segundo Cascudo (1984), as rodas, muitas vezes, não apresentam caráter brasileiro, uma vez que as de procedência francesa e lusitana nos serviram bem. Nas cantigas regionais, entretanto, é possível perceber também elementos folclóricos de origem indígena e africana.

As cantigas de roda, relacionadas às brincadeiras de roda, possuem melodias e ritmos lúdicos, além de letras de simples memorização, com rimas, repetições e trocadilhos. Da mesma forma, as cantigas de ninar ou acalantos, possuem também letras simples e música com melodias e ritmos variados.

O que inicialmente nos levou a escolher trabalhar com as cantigas foi a ideia de que as suas letras, por trazerem marcas da cultura da sociedade, são carregadas de estereótipos, de preconceitos, de preceitos morais e tentativas de amedrontamento.

Ao realizar as pesquisas iniciais sobre o assunto, percebemos então, que já existe acirrada discussão sobre o impacto do discurso das cantigas na educação e formação de valores nas crianças. Assim, entramos em contato com discussões em fóruns na internet



e com um artigo publicado na Revista Veja em 2006 sobre a modificação das letras de certas cantigas de roda ou de ninar para utilização em escolas. Por um lado, os defensores dessas mudanças tentam mostrar que as letras de algumas músicas podem estimular a violência nas crianças e, partem do princípio de que as letras adaptadas estão de acordo com um discurso politicamente correto. Diante disso, muitas vozes se levantam para defender o uso das cantigas tradicionais, sem modificações, alegando empobrecimento cultural e o equívoco do pressuposto de que as crianças sejam influenciadas pelas letras das canções.

A partir desses dados, escolhemos algumas cantigas de roda e de ninar com o objetivo de analisar o discurso presente em suas letras e, através de entrevistas, verificar se os temas dessas letras se manifestam também no discurso da população. As cantigas escolhidas foram *Ciranda-cirandinha*, *O cravo brigou com a Rosa*, *Teresinha de Jesus*, *Atirei o pau no gato*, *Nana neném* e *Boi da Cara Preta*, das quais as três últimas são objeto de análise mais aprofundada neste artigo.

As cantigas no contexto escolar

Nas escolas brasileiras, o ensino das tradições, nas quais se incluem as cantigas, é estimulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9394/96), pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA- 8069/90), pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino Fundamental (PCNs) e pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNI). A LDB e o ECA procuram valorizar as manifestações populares trazidas pelas crianças e adolescentes para o ambiente escolar, considerando sempre a diversidade e a pluralidade culturais e também das peculiaridades do ensino nas zonas rurais e indígenas.

“ART.58 – No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e acesso às fontes de cultura” (ECA-8069/90)

Dessa forma, se antes as crianças aprendiam cantigas de roda e de ninar, assim como outras tradições, com sua família ou com as crianças mais velhas nas brincadeiras de rua, atualmente a escola parece ser o local privilegiado para a sua aprendizagem, já que o espaço da rua ficou bastante restrito, ao menos nas grandes metrópoles.

O uso que se faz desses instrumentos, no entanto, vai além do resgate das tradições e da possibilidade de sociabilização que as brincadeiras de roda permitem. As escolas de linha construtivista utilizam-se das letras de cantigas de roda em seu trabalho de construção da língua escrita pelas crianças. Além disso, a música tem sido alvo da atenção dos educadores que pretendem trabalhar com diferentes linguagens e habilidades das crianças.

Segundo Ferreira e Teberosky (1985), a partir de 1962, a psicolinguística contemporânea, sob a influência da obra *Gramática generativa* de Noam Chomsky, passa a dar lugar de destaque ao componente sintático no processo de aquisição da linguagem pelas crianças e essas concepções de aprendizagem coincidem com as idéias de Piaget que colocam o sujeito da aprendizagem no centro do processo. “No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outro, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio.”

Essas ideias parecem estar de acordo com Blikstein (1990), para quem “de um modo geral, todo processo educativo e de socialização é tributário da representatividade do signo; vale dizer que a educação, via de regra, não passa de uma construção semiológica que nos dá a ilusão da realidade.” As cantigas de ninar ou de roda contribuem, por meio das relações entre adultos e crianças ou entre as próprias crianças, para essa construção semiológica da realidade. Também Florestan Fernandes (1957) apontava a importância socio-dinâmica das cantigas de ninar e do acalanto imitadas pelas crianças em suas brincadeiras espontâneas. Para ele, a criança não estaria apenas imitando, mas tentando construir os aspectos do mundo social que a rodeia, do mundo dos adultos.

Da mesma forma, no processo de aprendizagem da língua escrita, sob a influência das idéias de Piaget, leva-se em consideração o que a criança já sabe (uma vez que ela vive em um mundo repleto de escrita) e sua capacidade de formular hipóteses e, a partir de algum conflito cognitivo, reformular tais hipóteses e, pouco a pouco, reconstruir essa escrita. Do ponto de vista construtivista, cabe ao professor justamente propor os conflitos que levam a criança à reformulação de hipóteses e, para isso, a exposição das crianças aos mais variados tipos de textos e a proposta de atividades adequadas ao estabelecimento dos conflitos cognitivos, de acordo com a fase de desenvolvimento das crianças, são fundamentais.



Nesse sentido, as letras das cantigas podem ser um dos instrumentos usados pelos professores de educação infantil, pois permitem que as crianças desenvolvam atividades diversas com o uso da língua, como localizar palavras específicas, organizar versos na ordem correta, completar lacunas usando banco de palavras, entre outras. Além disso, é importante lembrar que as cantigas estão sempre associadas a outras linguagens: aos desenhos (que as crianças aprendem a associar às letras), à música, à expressão corporal sempre presente, principalmente, quando as cantigas acompanham brincadeiras de roda. Mais recentemente, todos esses sistemas simbólicos passaram a ter grande importância na educação infantil escolar, sob a influência das idéias de Howard Gardner (1993) sobre as múltiplas inteligências.

Esse psicólogo americano definiu sete inteligências a partir das capacidades que o ser humano apresenta: lógico-matemática, linguística, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e musical. Segundo Edwards (2005), “cada criança possui um estilo de aprendizagem individual, singular, o que a torna inclinada para alguma dessas disposições mais do que para outras. (...) Não obstante, (...) poucas crianças apreciam a aprendizagem que só utiliza uma de suas inteligências. Em vez disso, elas gostam de atividades e experiências que as mesclam.” A forma como as cantigas vêm sendo utilizadas na educação infantil, portanto, parece estar de acordo com esse estudo.

É importante ainda assinalar que, segundo Junqueira Filho (2005), Piaget buscou fundamentação teórica para sua obra na Semiologia de Saussure que, como sabemos, trabalha apenas com signos linguísticos. Para Junqueira Filho, entretanto, o trabalho com as diferentes linguagens parece estar de acordo com a Semiótica de Peirce, para quem signo é “tudo aquilo que está no lugar de alguém ou de alguma coisa, representando, sempre em parte, esse alguém ou esse algo para o sujeito-leitor. Por que o signo representa sempre apenas em parte, é preciso que se produzam continuamente outros signos para se tentar representar em totalidade o objeto, o sujeito, o fenômeno que se pretende representar” (JUNQUEIRA FILHO, 2005). Consideramos que o uso das cantigas na educação infantil, ao trabalhar com as diferentes linguagens das crianças, contribui para ampliar essa representação da realidade.

Os temas presentes no discurso das cantigas

As cantigas de ninar e de roda escolhidas para análise neste trabalho abordam temas que são recorrentes na cultura, estando presentes na literatura (dos grandes clássicos aos contos de fadas), no cinema, no teatro etc. Temas como amor, estereótipos



masculino/feminino (incluindo-se a questão da condição da mulher no mundo) e violência fazem parte de nossa herança cultural, inscrevem-se nos traços do que constitui nossa humanidade, seja do ponto de vista biológico, psicológico ou social.

No caso das cantigas, é inevitável uma comparação com os contos de fadas. Em ambos os casos, o discurso é voltado para crianças, estimulam a imaginação e a fantasia e são inegavelmente canais de nossa herança cultural. Assim como os contos de fadas foram utilizados por Bruno Bettelheim em psicanálise com crianças, as cantigas têm sido usadas por alguns musicoterapeutas, pois apresentam, tanto quanto os contos, possibilidade de encontrar soluções para os conflitos internos das crianças.

Segundo Bettelheim (1980) o papel dos contos de fadas vai além de divertir as crianças, ajudando-as a esclarecer o que está se passando em seu eu inconsciente e a desenvolver suas personalidades. Esses contos capacitam os seres humanos a aceitarem que problemas são inevitáveis e algo natural na vida.

Para esse autor, a fantasia dos contos de fada permite às crianças que conheçam sentimentos e valores em seu interior: amor, amizade, perda, medo, saudade. Isso acontece porque as histórias conquistam a atenção das crianças e as envolvem, sendo inclusive comum que elas se coloquem no lugar das personagens e dessa forma percebam seus sentimentos. Além dessa percepção, os contos incitam ao enfrentamento de sentimentos (seja de perda, de medo, de tristeza), uma vez que se torna mais fácil a orientação das pessoas quando elas atribuem significados e sentidos sobre o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim e os aplicam em suas próprias experiências.

Dessa maneira, é possível que problemas particulares sejam personificados em contos e em cantigas, facilitando a visualização de determinado conflito vivido pelo indivíduo e das formas de resolvê-lo. A cantiga, portanto, assim como nos contos de fadas, pode apresentar temas que são formas de inserir o indivíduo na sociedade e permitir a convivência, o enfrentamento das mais variadas situações, a compreensão de valores e sentimentos.

Neste trabalho, o amor em diferentes concepções (o amor relacionado com brigas e desentendimentos, o amor que não é verdadeiro ou suficiente e tem fim, amor e a relação com o casamento), bem como os estereótipos masculino/feminino são abordados nas cantigas *O cravo brigou com a rosa*, *Ciranda cirandinha* e *Terezinha de Jesus*. O medo é o tema principal das cantigas de ninar *Nana Neném* e *Boi da Cara*



Preta. Por fim, a violência, especificamente a violência contra animais, é tema de *Atirei o pau no gato*.

Neste artigo, selecionamos, para serem aprofundados, os temas do medo e da violência contra os animais. A seleção desses dois temas se deu em função do fato de eles encontram-se presentes nas duas cantigas que, segundo o artigo da revista *Veja*, têm sido o alvo das mudanças recentes de letras para utilização nas escolas.

Nana neném e Boi da cara preta

Nana neném
que a cuca vem pegar
papai foi pra roça
mamãe foi trabalhar

Desce gatinho
De cima do telhado
Pra ver se a criança
Dorme um sono sossegado

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esta criança que tem medo de careta

Não , não , não
Não pega ele não
Ele é bonitinho, ele chora coitadinho

As letras das duas cantigas de ninar escolhidas apelam para o discurso do medo. Em ambas existe uma entidade aterradora: a “cuca” e o “boi da cara preta” que vêm pegar a criança que teria, como única salvação, o sono. Em “nana neném”, o sono é realmente a única salvação, já que aqueles que deveriam proteger a criança estão ausentes: “papai foi pra roça e mamãe foi trabalhar”.

É interessante notar que a letra assustadora é, no entanto, acompanhada de uma melodia suave, da voz carinhosa de quem embala a criança e do próprio balanço do corpo.

Segundo Melo (1985, p. 23), bichos horripilantes, espectros, fantasmas ou perseguidores de meninos são características inconfundíveis das canções de ninar e não apenas no Brasil. Esse autor cita, por exemplo, o carrapato, o haja-pau, o pavão, o papafigo, o bicho papão no Rio Grande do Norte, o cabeleira, o cabra-cabriola em Pernambuco; o tatu-marambaia e o saci em São Paulo; o boi, a caipora, a mula sem cabeça na Bahia e, fora do Brasil, o Libith entre os hebreus, as Strigalai na Grécia, a Caprimulgus em Roma antiga, o Papenz na Alemanha, o Boo Man e Boogle Man entre escoceses e ingleses, a coca, o passarinho, o papão, o gato-preto o rouxinol do bico preto em Portugal, entre outros.

Assim, nas cantigas de ninar que escolhemos, os “perseguidores de meninos” são a Cuca ou coca e o Boi da Cara Preta.

Para Câmara Cascudo (citado por Melo, 1985, p.25), a cuca pode ter três origens. De Santa Coca que aparecia nas procissões da província do Minho, em Portugal. Também no Minho, coca é o nome popular de abóbora que, assim como em nossos dias, era perfurada no lugar dos olhos e da boca e colocada uma vela acesa dentro. A terceira possível origem é a partir de “Farricoco”, personagem amedrontador, vestido com uma túnica que acompanhava a procissão de Passos, no Algarve.

Melo opina que a visão que se guarda da infância desses “perseguidores” é realmente profunda e aterradora e que teria a função de amansar os rebeldes, embora possa ser contraproducente para a educação, produzindo um pavor estúpido.

Florestan Fernandes (1957) considera que as cantigas de ninar não podem ser separadas do contexto social mais amplo em que se inserem e, juntamente com outros fatores psico-sociais, contribuem para a formação da personalidade das crianças. Esse autor considera também que as cantigas compõem um complexo cultural que envolve certas formas de cuidar das crianças, satisfazendo-lhes suas necessidades e dando-lhes segurança. Nesse sentido, elas colaboram para que a criança aprenda a depender do adulto e crie hábitos de obediência e disciplina.

Citando Câmara Cascudo, Florestan Fernandes afirma que ele sugere que nas cantigas, as entidades apavorantes são “manipuladas como um recurso de repressão simbólica, malgrado o clima de proteção e de amor existentes nessas relações dos adultos com as crianças.”

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato tô tô
Mas o gato tô tô
Não morreu reu reu
Dona Chica cá cá
Admirou-se se
Com berrô, Com berrô que o gato deu
Miau!!!!!!

A linguagem da cantiga é coloquial e simples, de fácil memorização pelas crianças. A ludicidade observa-se nas repetições das últimas sílabas da palavra final de cada verso e na imitação do berro do gato. Tratando-se de uma cantiga de roda, a

lembrança da sua letra remete-nos imediatamente a lembranças em relação aos movimentos das crianças (coreografia) e à tentativa de dar o berro mais vigoroso possível.

Na letra de *Atirei o pau no gato*, entretanto, observa-se o tema da violência contra os animais, pois a intenção de machucar o gato, aparentemente até matá-lo, fica clara logo nos primeiros versos. A morte não ocorre e o foco passa a ser a reação do animal – um berro que deve ser imitado pelas crianças. Supõe-se, pelo tratamento “Dona” que é dado à personagem Chica, que se trata de um adulto que observa toda a agressão e que se admira com o berro do gato, surpreendido pela ação. Não há repreensão por parte deste adulto que supostamente acompanha a ação, ou seja, em nenhum trecho da cantiga há qualquer tipo de afirmação contra a violência e essa parece ser a questão por trás das críticas à letra dessa cantiga e a mudança recente de letra que algumas escolas vêm adotando.

Segundo Orlandi (1990, p.35), a relação da análise do discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade.

“...o discurso é histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no “futuro”, mas também é histórico porque cria tradição, passado e influencia novos acontecimentos. Atua no plano da linguagem e opera no plano da ideologia...”

A preocupação com os animais, ou com as questões ambientais no geral, é muito recente e críticas como a que se faz à letra de *Atirei o pau no gato* não fariam muito sentido há alguns anos. No mundo ocidental, tradicionalmente, a natureza aparece sempre em oposição ao homem, existindo para ser dominada pelo homem. O antagonismo homem-natureza aparece na tradição judaico-cristã, nos filósofos medievais e nos pensadores racionalistas dos séculos XVII e XVIII e tem sua expressão máxima com a Revolução Industrial. Essa concepção começa a mudar, entre outras razões, em função da teoria darwinista que devolve o ser humano ao seu lugar na natureza e não em oposição a ela, ao propor que, assim como as demais espécies, somos produto do ambiente sob ação da seleção natural. Muitos trabalhos sobre a ação do homem no ambiente passam a ser publicados, o ensino de ecologia passa a ser adotado não só nas universidades, mas também nas escolas de ensino médio e fundamental e organizações governamentais e não-governamentais começam a atuar no intuito da educação e preservação ambiental.

Blikstein (1990), ao procurar chamar a atenção para o lado direito do triângulo de Ogden e Richards, discute como a relação entre o objeto real e o referente é mediada pela práxis ou, em outras palavras, pela percepção ou interpretação que os sujeitos têm dos objetos reais. Assim, podemos perceber dois momentos diferentes na construção do conceito de natureza para o homem ocidental. Um primeiro momento em que a prática social da acumulação do capital e a ideologia propagada por diferentes pensadores colocavam a natureza a serviço do homem. Num segundo momento, o conceito de natureza inclui o ser humano como parte integrante, mediado pelas ideias darwinistas, pela constituição da ecologia como ciência e pela sua divulgação nos diferentes níveis da educação e nos diferentes meios de comunicação. Nesse sentido, podemos dizer que a crítica feita à cantiga em questão, insere-se neste segundo momento.

Resta saber, no entanto, se os discursos da violência e do medo têm influência sobre a formação de valores nas crianças e, portanto, se vale a pena trocar a tradição por um discurso chamado de politicamente correto.

A fala da população

As entrevistas para a pesquisa de campo foram realizadas em diferentes locais da cidade de São Paulo: Mercado Municipal, Ibirapuera, terminais de ônibus, campus da Cidade Universitária e região do Largo de Pinheiros. A diversidade de locais visava a obtenção de entrevistas com pessoas de todas as classes sócio-econômicas.

As questões propostas para os entrevistados foram as seguintes:

1. De quais cantigas infantis você se lembra?
2. Estas cantigas fazem você se recordar de que tipo de experiências de sua infância?
3. De que tipo de brincadeiras infantis você se lembra além das cantigas? Conte como eram essas brincadeiras.
4. Como e onde você aprendeu essas brincadeiras e cantigas?
5. Que mensagens você acha que essas cantigas transmitem às crianças? Procure pensar na letra de alguma dessas cantigas.
6. De que forma você acha que as cantigas contribuem para a educação das crianças?

Em suas respostas, os entrevistados utilizaram basicamente uma linguagem coloquial, que constitui o chamado dialeto popular. Eventualmente, notamos o uso coerente de palavras mais formais, do dialeto culto, como “abstrair” e “aspectos”. É

possível supor que a utilização dessas palavras esteja relacionada ao grau de instrução do entrevistado, uma vez que estes pertenciam ao nível sócio-econômico A.

Na fala da população sobre as cantigas, pudemos perceber alguns aspectos importantes a serem comentados. Em geral as lembranças das cantigas remetem a pessoas – familiares, amigos de infância e, eventualmente “tias” da escola – e aos locais de origem das pessoas.

“eu lembro assim da minha bisavó que cantava pra mim, mas por som de lembrança boa, de conforto e assim de tá do lado dela...é...minha vó e minha bisavó cantavam pra mim.”

“Essa é a música que eu lembro assim....que mais marcou a minha vida, porque eu era do interior e aí a gente, da roça né, e a gente brincava muito de roda. Muito legal...e aí essas eram as que eu lembro né. Essas duas é que eu lembro mais.”

“Bom, uma mensagem de paz, de brincadeira, de divertimento, né? E de desenvolvimento também, né? Desenvolve a voz, a fala, o canto.”

Também notamos tendência a marcar certas diferenças entre o local de origem e o local em que vivem na atualidade, entre o passado e o presente e entre o comportamento das crianças no passado e no presente.

“Ah, que tudo era maravilhoso, viu, porque hoje... a coisa tá feia... tá feia. Nessa época era tudo maravilhoso, proteção, casa, num precisava fazê nada, era brincá, empiná pipa, fazê um monte de coisa.”

“Depende né...naquela época a gente era muito inocente, então a gente não tinha noção que o que a gente tava cantando era mau, tipo assim “Atirei o pau no gato”. A gente...pra gente era uma coisa assim...brincadeira né. Hoje em dia as pessoas falam que não pode né. Que as crianças, hoje elas tem outra mentalidade, tem outros pensamentos, tem outro jeito de agir. Na nossa época era inocência mesmo...na inocência...Então assim, as cantigas de roda, por exemplo, transmitiam coisas boas.”

Há predominância do aprendizado da cantiga através da tradição oral, geralmente cantadas por mães e avós durante a infância. As lembranças desse tempo, predominantemente nas classes A, B e C, são sempre felizes, com a presença de amigos, pais, diversão, ingenuidade, carinho, afago, aconchego. Em outros casos (predominantemente classes D e E), alguns entrevistados não se recordam das cantigas e brincadeiras infantis, pois trabalharam desde muito cedo, ou seja, foram transformados em adultos mirins pela dureza do trabalho na roça e da pobreza.

“Uma experiência boa né, porque juntava eu e meus primos e minhas primas e a gente ficava brincando de roda...era bem gostoso!! A minha infância foi muito boa.”



“Nenhum...minha infância só foi trabalhando, num tenho muita lembrança de infância não.”

“Pra ser sincero, a minha infância foi tão penosa que dá pra lembrar pouco, né? Mas eu lembro dessas músicas.”

Assim como as cantigas, as brincadeiras, para a maioria dos entrevistados, foram aprendidas na rua, longe de uma educação formal, que tem como principal representante a escola. Entrevistados que têm filhos apontam essa questão como uma diferença entre passado e presente, já que seus filhos, em geral, aprendem as cantigas na escola.

Na maioria das entrevistas, quando perguntados sobre que tipo de mensagem as cantigas transmitem às crianças, muitos alegam só ter percebido a presença de versos sobre violência e a presença de personagens ligados ao medo depois que se tornaram adultos. A partir desse dado pode-se considerar que, para a infância, o importante é a brincadeira, a socialização, enquanto para o adulto, que conhece mais que uma criança o mundo em que está inserido, é possível “reelaborar o que vem como um 'dado', possibilitando que não sejamos meros reprodutores” (BACCEGA, 1998).

“Na verdade? Pra ser bem sincera? Eu não gosto da letra dessas músicas tipo “Atirei o pau no gato”. Eu adoro gato, mas eu fui perceber o que ela dizia muito tempo depois (risos). Eu nunca pensei em judiar de gato (risos), eu acho que quem judia de gato, judia mesmo e quem gosta, gosta mesmo independente de cantiga. Eu acho que é mais pelo som mesmo do miau...”

Outro ponto importante é que, muitas vezes, os entrevistados, comparam o discurso das cantigas com discursos veiculados por outras mídias, ou apontam outros fatores como mais importantes na questão da formação de valores pelas crianças.

“Então, eu acho que é meio malvado pra falar a verdade, porque... não que seja malvado, mas a criança não tem noção do que ela ...do que ta sendo cantado pra ela, mas.... “dorme nenê que a cuca vem pegar” é uma coisa meio macabra né, “dorme senão alguém vai vim te pegar, por favor, dorme”, eu acho que é.... sei lá, é que nem os filmes da Disney né, eles... são pra criança, mas tem um lado mais adulto assim né, são só adaptados pra criança.”

“Essa mesma primeira já não é muito boa não viu...” “Atirei o pau no gato” já induz à violência. Então, é como hoje aí os desenho, os desenho é tudo violento, eu mesmo tem desenho que eu não gosto que meu menino assiste porque eu acho que induz à violência, então...”

“Pra... pra educação da criança ela é bem boa, mas tem muitas coisa que o pai tem que chegá em cima ali e segurá...senão, se desandá, desanda dua vez. Criança tem que sê assim, criança a gente tem que chegando é conforme a gente qué...criação dela.”



“E essas cantiga tem que trazê coisas de boa pra criança, nada de ruim. Porque o...igual saiu agora, o tal do funk, aquilo é pra estragá a vida da pessoa... tem que sê uma coisa boa pra criança.”

Muitos entrevistados referem-se ao tempo antigo, ao tempo em que eram crianças, como mais ingênuo e por isso melhor para o crescimento infantil, já outros acreditam que quando eram crianças os adultos tinham pouca noção do que era educação e do teor das cantigas e por isso as reproduziam sem maiores questionamentos. O fato é que, no Brasil, somente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), com o fim da educação tecnicista e com a incorporação da Educação Infantil à Educação Básica, é que começou a haver maior reflexão sobre o que deveria ser ensinado nas creches, chegando às cantigas, institucionalizando esse aprendizado, formalizando-o. A impressão de que antes não se discutia o assunto pode provavelmente ter surgido da falta de informação sobre os estudos, pequenos e pouco disseminados na época.

Por fim, a partir da análise das entrevistas podemos perceber que, como uma marca, um produto social, são repassadas de geração em geração e, mesmo os entrevistados que perceberam nas letras de algumas cantigas a presença de violência ou de amedrontamento, as reproduzem para os filhos e se lembram delas com lembranças boas. Isso parece estar de acordo com o que diz Schaff (1971):

“ (...) a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado, e o que é individual(...). Na realidade, a sua mediação exerce-se nos dois sentidos: não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações passadas, mas também se aprimora dos novos resultados do pensamento individual, a fim de os transmitir - sob a forma de um produto social - às gerações futuras” (SCHAFF, 1971, p. 251)

Considerações finais

Desde o momento da escolha do tema para a realização deste trabalho, pensamos em abordar o impacto do uso das cantigas na educação das crianças e na formação de seus valores, acreditando que o medo, a violência e alguns estereótipos presentes nos discursos das cantigas se manifestariam no comportamento delas.

Na pesquisa feita, foi possível conhecermos o conceito de cantigas e toda a tradição que elas envolvem; a sua influência na educação, sociabilização e socialização em ambiente familiar e escolar; os temas abordados nas cantigas selecionadas e a forma como são vistas na sociedade contemporânea e as consequentes mudanças que sofreram.



Bettelheim (1980), na introdução de seu trabalho sobre o uso dos contos de fadas em psicanálise infantil, afirma:

“Fui confrontado com o problema de deduzir quais as experiências na vida infantil mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar sentido na vida; dotar a vida, em geral, de mais significados. Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante do que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança de forma correta. Quando as crianças são novas é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação”

Considerando as cantigas como parte da literatura que canaliza nossa herança cultural, podemos entender como seu conteúdo é assimilado pelas pessoas de uma determinada cultura, mas ao mesmo tempo, modificado e elaborado, considerando as trocas inter-culturais e os múltiplos eventos na vida das pessoas.

A hipótese de que as cantigas interferem negativamente na construção de valores das crianças não foi confirmada na fala dos entrevistados, que, em sua maioria, apontaram aspectos positivos nas lembranças que as cantigas lhes trazem. Além disso, a fala da população mostrou que, apesar de, aparentemente, disseminarem valores negativos em suas letras, as pessoas não acreditam que as cantigas influenciem negativamente na formação das pessoas e que as crianças, de fato, absorvam essas mensagens. Muitos entrevistados acreditam que as cantigas são bons instrumentos para a educação das crianças, apontando, inclusive, outros fatores como influências mais negativas no desenvolvimento infantil.

Dessa forma, concluímos que a valorização de nossa herança cultural ainda é preferível em relação à tentativa de tornar as letras de algumas cantigas politicamente corretas.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. *Mediação organizativa: o campo da produção. Comunicação & Educação* n.17. São Paulo, CCA-ECA-USP; Moderna, jan/abr de 1998, p.7-16.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente: Lei n.8069 de 13 de julho de 1990, Lei n. 8242 de 12 de outubro de 1991.** 3 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em : <<http://redesociaisapaulo.org.br/downloads/ECA.pdf>> Acesso em 12 jun. 2009.



_____ **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em:

< <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/lei9394.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil v.3/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília:MEC/SEF, 1998.

_____ **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade.** São Paulo: Cultrix, 1990.p.11-64.

CASCUDO, Luis da Camara. **Literatura Oral no Brasil.** 3 ed. São Paulo: Edusp, 1984. Coleção reconquista do Brasil v. 84.

EDWARDS, Carolyn Pope. Ensinando as crianças através de centenas de linguagens. **Pátio - Educação Infantil**, Porto Alegre, ano 3, n. 8, p. 6-9, jul/out. 2005.

FERNANDES, Florestan. Contribuição aos estudos sociológicos das cantigas de ninar, **Revista Brasiliense**, São Paulo, n.16, p.50-76, 1958.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 18-31.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. As múltiplas linguagens na educação infantil. **Pátio - Educação Infantil**, Porto Alegre, ano 3, n. 8, p. 6-9, jul/out. 2005.

MELO, Veríssimo de. **Folclore Infantil: acalantos, parlendas, adivinhas, jogos populares e cantigas de roda**, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985. Coleção Biblioteca de Estudos Brasileiros, v. 20.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo.** São Paulo: Cortez, 1990, p. 13 a 37.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala (um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira).** 8 ed.São Paulo: EDUSP, 1997. P. 11-71.

VIEIRA, Liszt. **Fragmentos de um discurso ecológico.** São Paulo: Gaia, 1990, p.21-30.

SCHAFF, A. **Linguagem e conhecimento.** Coimbra: Almedina, 1974, p.147-268.

WEINBERG, Monica. Será que funciona? **Revista Veja**, São Paulo, 20 mar. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/220306/p_116.html>. Acesso em 30 mai. 2009.